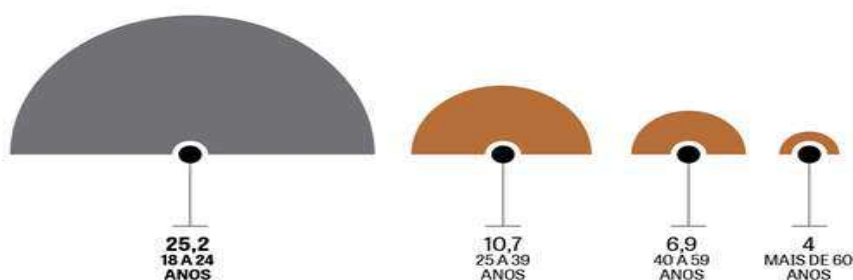


Jovens e menos escolarizados são os mais prejudicados por economia fraca

Geração atrasará ganho de experiência e pode demorar mais para se aposentar; falta de criação de emprego fez com que o número de lares sem renda proveniente do trabalho aumentasse

MUITO RESILIENTE Taxa de desemprego no 4º trimestre de 2018 ▶ Em %

Por faixa etária



Posição na família



Por grau de escolaridade



FONTE: IPEA

PAULA SALATI • SÃO PAULO

A dificuldade de recuperação do mercado de trabalho tem prejudicado, principalmente, a população mais jovem e menos escolarizada, além de ter aumentado o número de lares sem renda do trabalho e a desigualdade salarial entre mais ricos e pobres.

INFORME

É o que aponta a Carta de Conjuntura sobre o mercado de trabalho brasileiro, elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e divulgada ontem.

O relatório mostra que a população entre 18 a 24 anos (25,2%) e 25 a 39 anos (10,7) registrou taxas de desemprego maiores do que os grupos de 40 a 59 anos (6,9%) e de mais de 60 anos (4,0%), no quarto trimestre de 2018.

Na comparação com igual período de 2017, as taxas de desocupação dos dois grupos mais jovens recuaram apenas 0,1 ponto percentual. Porém, a pesquisadora do Ipea, Maria Andréia Lameiras, detalha que essa queda ocorreu por “motivos ruins”. Ou seja, o recuo do desemprego entre os mais jovens não se deu por um aumento da ocupação, mas, sim, por uma redução da força de trabalho.

“É uma falsa sensação da queda do desemprego”, diz Lameiras. “Mas isso não significa, necessariamente, que essas pessoas foram para o desalento. Isso pode sim estar acontecendo, mas o que se pode observar também é que a entrada e a saída do jovem na PEA [População Economicamente Ativa] é sempre mais volátil”, afirma Lameiras.

Essa volatilidade ocorre por vários motivos. Um deles é que uma boa parte dos jovens não é chefe de família, o que diminui a pressão por encontrar emprego. Portanto, é mais fácil que ele saia da PEA, dando a “falsa sensação” de uma diminuição da desocupação.

A elevada taxa de desemprego entre eles também se explica pela maior facilidade de demissão deste grupo. “O custo para demitir uma pessoa mais jovem, que tem menos tempo no emprego, é bem menor do que o custo de funcionário mais velho, com mais tempo na empresa”, diz Lameiras.

Esse cenário deve fazer com que esta geração de jovens atrase o ganho de experiência no mercado de trabalho e tenha que contribuir para a Previdência Social até uma idade mais avançada para que eles consigam se aposentar, comenta a pesquisadora.

Na leitura do coordenador do Labfin da Fundação Instituto de Administração (FIA), Marcos Piellusch, os dados sobre desemprego por idade já refletem o processo de inversão da

INFORME

pirâmide etária do País, como o maior envelhecimento da população brasileira. Ele destaca ainda que as empresas têm dado preferência para os profissionais que possuem mais experiência e formação.

Sobre isso, o estudo do Ipea mostra que a taxa de desemprego entre as pessoas com Ensino Superior completo (7,5%) é menor do que nas demais etapas de ensino: Médio Completo (12,8%); Médio Incompleto (19,7%); Fundamental Completo (13,5%) e Fundamental Incompleto (11%).

O professor de economia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Agostinho Pascalicchio, afirma que os dados da ocupação por setor confirmam a importância que as empresas dão para a formação. No quarto trimestre de 2018, houve um aumento de 5,5% na população ocupada nos setores de Educação e Saúde.

Aumento das desigualdades

Diante de uma taxa de desemprego persistentemente elevada desde o final da crise – em janeiro de 2019, esta chegou a 12% –, o número de lares sem renda proveniente do trabalho aumentou de 21,5% em 2017, para 22,2% em 2018. Ou seja, cerca de 16 milhões dos 72 milhões de lares no Brasil se encontram nesta situação.

Em relação aos salários, o Ipea mostra que desde o início de 2018 a renda dos mais ricos cresceu três vezes mais. A média da renda média domiciliar dos mais pobres variou 0,84% no período, enquanto que a dos mais ricos cresceu 2,6%.

Débora Dorneles Barem, do Departamento de Administração da Universidade de Brasília (UNB), diz que essa situação é “lamentável” e que atrasa o processo de redução das desigualdades econômicas no Brasil. “Em outros países, essas diferenças salariais não são tão gritantes quanto aqui”.

(Fonte: DCI – 21/03/2019)